

## **ALGUNS ARGUMENTOS DE FREUD A FAVOR DO EMPIRISMO DA PSICANÁLISE**

Vitor Orquiza de Carvalho

Neste trabalho procuramos investigar a preocupação de Freud com o empirismo da psicanálise. Para tanto, selecionamos alguns argumentos que aparecem ao longo de sua obra e tentamos articulá-los para corroborar a ideia de que, a seu ver, o empirismo de sua disciplina seria patente e estaria de acordo com aquilo exigido pelas ciências naturais [*Naturwissenschaften*], tal como eram concebidas em sua época.

Em certa ocasião, Wittgenstein remete-se a preponderância do paradigma das ciências naturais, que então aparece como um modelo para outros campos de conhecimento, para apontar uma “dificuldade” que desafia os caminhos da psicologia em sua busca de reconhecimento científico:

Quando estudamos Psicologia é possível que venhamos a sentir uma certa insatisfação, uma certa dificuldade no assunto inteiro ou no estudo – isto porque consideramos a Física como nossa ciência ideal. Pensamos em formular leis como na Física. E então descobrimos que não podemos usar a mesma espécie de “métrica”, as mesmas idéias de medida da Física. Isto se torna especialmente evidente quando tentamos descrever aparências: a menor diferença perceptível de cores; a menor diferença perceptível de comprimentos, e assim por diante. Aqui parece que não podemos dizer: “Se  $A = B$ , e  $B = C$ , então  $A = C$ ”, por exemplo. E essa espécie de dificuldade surge no assunto inteiro (Wittgenstein, 1976, p. 15).

Avaliamos que o argumento deste filósofo possui grande pertinência. No aspecto de utilizar a física como uma ciência modelo, a historiografia da psicologia e da psiquiatria está de acordo com o supracitado, e um estudo dessa historiografia pode revelar como os teóricos procuraram fazer com que essas disciplinas nascessem de um modo que respeitasse e tentasse reproduzir aquilo que as conhecidas ciências duras haviam obtido com bom êxito em suas metodologias. Nessa esteira, Freud foi mais um que não contou com instrumentos importantes que outras ciências puderam e ainda podem utilizar – como a mensuração, quantificação, reprodutibilidade exata de seus experimentos, etc. –, mas que nem por isso abandonou o seu projeto de estudar cientificamente o psiquismo. Além disso, foi mais um que Wittgenstein não

poupou de suas críticas, em que, entre outras, o acusou de não proporcionar “soluções corretas” em seu método de livre associação e de abusar da especulação em suas explicações:

Imagine que um homem faminto tem uma alucinação sobre comida. Freud diz que a alucinação de algo requer uma energia tremenda: não é algo que poderia acontecer normalmente, mas a energia é fornecida nas circunstâncias excepcionais em que o desejo do homem por comida é sobrepujante. Isto é especulação. É uma espécie de explicação que temos a tendência de aceitar. Ela não é apresentada em consequência da investigação detalhada de uma verdade de alucinações. (Wittgenstein, 1976, p. 16)

A relevância do argumento deste filósofo nos leva a formular a seguinte pergunta: *no pensamento de Freud, a sua disciplina propôs apenas construções especulativas, ou ele acreditou que suas conjecturas eram construídas com apoio de evidências sólidas e explorações correspondentes aos fenômenos observáveis?*

Embora Freud tenha reconhecido o grau de especulação em alguns de seus conceitos – como, *p.e.x.*, a pulsão de morte –, em sua mente epistemológica, a psicanálise contava com um empirismo passível de ser considerado científico, e que, conseqüentemente, proporcionava recursos satisfatórios para dar precisão na construção de seus conceitos. Na busca de sustentarmos esta suposição, podemos começar por lembrar o argumento que o psicanalista e filósofo Joel Birman traz para ilustrar o pensamento de Freud acerca do empirismo na psicanálise:

O imperativo de verificação dos enunciados teóricos da psicanálise se impunha freqüentemente a Freud, justamente porque seria por esse viés que o discurso freudiano poderia reivindicar a sua positividade científica. Daí porque Freud e a primeira geração de psicanalistas publicaram longas narrativas de experiências analíticas. A publicação de extensos casos clínicos por Freud, nos quais se descrevia a elucidação metapsicológica dos sintomas, visava precisamente atender à exigência de verificação formulada pelo discurso científico. A experiência psicanalítica foi transformada no laboratório de verificação científica dos enunciados metapsicológicos da psicanálise. (Birman, 2003, p.52)

Constatamos nesta passagem que Freud elegeu o espaço clínico tanto como uma espécie de laboratório empírico para testar suas hipóteses, quanto como um local para encontrar respaldo para suas explicações teóricas, as quais ele considerou científicas. De fato, ele autor deixou claro que a psicanálise contava com um espaço para que suas teorias

pudessem conflitar com os fenômenos psíquicos, em que as falas de seus pacientes eram investigadas, a seu ver, rigorosamente para que os seus conceitos pudessem nomear do modo mais preciso possível aquilo que era observado.

Em uma de suas *Conferencias de introducción al psicoanálisis* (1916 – 1917), nas quais era de seu costume apresentar reflexões epistemológicas, Freud se propõe a argumentar aos psiquiatras da época que a psicanálise poderia servi-los de um modo satisfatoriamente científico. Uma de suas primeiras preocupações no breve texto (*Conferencia XVI*, intitulada *Psicoanálisis y psiquiatria* (1917)) é alegar que o seu desejo, como transmissor da cientificidade da psicanálise, não era o de “*despertar convencimientos*”<sup>1</sup>, mas de “*dar incitaciones y desarraigar prejuicios*” (1917, p.223). Manifesta então a sua compreensão de que somente é possível chegar a uma convicção depois que a experiência serviu por um longo período como alicerce para as observações:

*El convencimiento no se alcanza con tanta facilidad o, cuando se ha llegado a él tan sin esfuerzo, pronto e evidencia falto de valor e inconsistente. Sólo puede pretender convencimiento quien, como yo lo hice, ha trabajado durante muchos años con el mismo material y ha vivido, él mismo, estas experiencias nuevas y sorprendentes.* (Freud, 1917, p.223)

Acima já aparece a sua idéia de que na ciência a experiência deve servir de guia para a observação, assim como a idéia de que as convicções são frutos de trabalhos experimentais árduos. No entanto, nessa época já era de seu conhecimento que o empirismo de sua disciplina não apresentava unanimidade na aceitação da comunidade científica que a julgava, e a acusação de especulação já era algo sobre o qual ele tinha que argumentar contrariamente e com veemência. Na verdade, críticas dessa ordem foram atribuídas ao seu pensamento desde os momentos iniciais da psicanálise, como a afamada vez em que ele proferiu sua conferência sobre seu texto *La etiologia de la histeria* (1896), e Kraft Ebing, um dos psiquiatras mais renomados daquela época, julgou sua fala da seguinte forma: “soa como um conto de fadas científico”. Sustentar-se diante de desaprovações, portanto, era uma tarefa que retornava sucessivamente, o que certamente lhe exigia elaboração de posicionamentos e concepções epistemológicas em defesa de sua disciplina. Na seguinte passagem, podemos observar uma boa amostra de como operavam essas defesas:

---

<sup>1</sup> Optamos pela tradução de “*convencimientos*” por “convicções”.

*Por otra parte, ni por un instante deben creer que esto que les presento como concepción psicoanalítica sea un sistema especulativo. Es más bien experiencia: expresión directa de la observación o resultado de su procesamiento. Si este último procedió o no de manera suficiente y justificada, he ahí algo que se verá con el ulterior progreso de la ciencia; y por cierto tengo derecho, trascurridos ya casi dos decenios y medio y bastante avanzado yo en la vida, a aseverar sin jactancia que fue un trabajo particularmente difícil, intenso y empeñoso el que brindó estas observaciones. A menudo he recibido la impresión de que nuestros oponentes no querían considerar para nada este origen de nuestras aseveraciones, como si creyesen que no eran sino unas ocurrencias de cuño subjetivo a las que otro podría oponer su propio capricho. Este comportamiento opositor no me resulta del todo comprensible. (Freud, 1917, p.223)*

Agora, sabemos que o problema de estudar cientificamente os processos subjetivos não teria nascido com a psicanálise. Como se sabe, outros psicólogos do século XIX já haviam passado pelos mesmos desafios e, em sua maioria, optaram por estudá-los do modo mais objetivo possível. À grande parte dos pensadores do behaviorismo, por exemplo, pode ser atribuída esta estratégia, em que, desde William James, optaram por desviar do fantasma da metafísica por meio de tentativas de mensurar e enquadrar o comportamento em laboratórios e entendê-lo como uma “conseqüência” cientificamente investigável da subjetividade. Tendo a pulsão<sup>2</sup> e, principalmente, o inconsciente como conceitos basais de sua disciplina, *i.e.*, noções que revelam um alto grau de abstração, a mesma estratégia não parecia ser uma opção para Freud, mas, como pode ser visto na citação acima, em sua visão, nem por isso os seus conceitos deixavam de ter um mapeamento claro, em que as suas edificações ocorriam por meio de estudos rigorosos e as refutações daquilo que se apresentava como incerto e duvidoso também faziam parte de sua rotina pesquisadora.

Neste aspecto, lembramo-nos de Popper e de sua crítica à psicanálise, que, em linhas gerais, argumentou que esta deveria ser considerada como uma pseudociência porque suas observações clínicas não seriam testáveis e, por isso, a sua teoria não seria passível de refutações. Não há dúvidas que esta observação teve grande impacto na psicanálise pós-freudiana, e que permitiu aos novos psicanalistas procurarem inovar suas metodologias e repensarem epistemologicamente o arcabouço teórico desta disciplina, mas é interessante apontarmos que o próprio Freud já se preocupava com a questão da *irrefutabilidade*. Vejamos

---

<sup>2</sup> Em alemão, Freud utilizava o termo “*Trieb*”, o qual alguns tradutores preferem sua tradução por “pulsão” e outros por “instinto”.

na seguinte passagem como, na mesma *Conferencia XVI* (1917), ele argumenta que teve de abandonar e modificar suas opiniões, revelando a sua preocupação em construir suas formulações teóricas embasadas em um tipo de experiência que permitiria a revisão das hipóteses:

*Además, puedo invocar en mi favor que en el curso de mis trabajos he modificado mis opiniones sobre algunos puntos importantes sustituyéndolas por otras nuevas, de lo cual, desde luego, hice comunicación pública en cada caso. ¿Y el resultado de esta sinceridad? Algunos ni siquiera han tomado conocimiento de mis autoenmiendas y todavía hoy me critican por tesis que desde hace mucho ya no significan para mí lo mismo. Los otros me reprochan justamente esas mudanzas y me declaran por eso mismo poco sólido. (...) ¿Qué puede uno hacer, en vista de estos contrapuestos ataques de la crítica, sino mantenerse como uno es y comportarse como su propio juicio lo autoriza? Estoy decidido a esto, y no me abstendré de rehacer y corregir todas mis doctrinas según lo exija mi experiencia más avanzada (Freud, 1917, p.225)*

Assim, mesmo que Freud não tenha lido Popper, não nos parece ser inapropriado apontarmos que o primeiro manifestou idéias que, de certo modo, possuem ressonâncias com a filosofia do segundo. É evidente que também havia diferenças entre eles, especialmente em pensar que o psicanalista garantiria o empirismo de sua disciplina de um modo que para o segundo não seria cientificamente aceitável. Entretanto, nem tudo que Freud trouxe em sua obra era reconhecido por ele como algo provindo de um trabalho empírico – é como se ele soubesse discernir e definir aquilo que ele considerava exclusivamente especulativo.

Nesse sentido, entendemos que sua concepção de ciência era uma que percebia os aspectos frágeis que as teorias científicas podem apresentar, e parecia ser nisso que Freud se escorava nos momentos em que as suas formulações não estavam de acordo com a sua concepção de empirismo. Portanto, Freud, por um lado, percebia a importância de fazer da psicanálise uma disciplina metodologicamente semelhante à física e seus preceitos rigorosos e confiáveis, por outro, é possível perceber que ele procurava deixar claro aquilo que tornava o seu campo de investigação original. Para tanto, o seu conceito de cientificidade também parecia se expandir na medida em que o campo psicanalítico se redefinía, e, mesmo assim, é possível percebermos em suas anotações epistemológicas que não lhe restava dúvida sobre a questão do empirismo na psicanálise.

### **Referências**

- Birman, J. (2003). *Freud e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Freud, S. (2001). *La etiologia de la histeria*. In: *Obras Completas*. Vol. III. (J. L. Etcheverry, trad.). Buenos Aires: Amorrortu editores. (Trabalho original publicado em 1896).
- \_\_\_\_\_. (2001). *Conferencias de introducción al psicoanálisis*. In: *Obras Completas*. Vol. XVI. (J. L. Etcheverry, trad.). Buenos Aires: Amorrortu editores. (Trabalho original publicado em 1917).
- \_\_\_\_\_. (2001). *Más allá del principio de placer*. In: *Obras Completas*. Vol. XVIII. (J. L. Etcheverry, trad.). Buenos Aires: Amorrortu editores. (Trabalho original publicado em 1921).
- \_\_\_\_\_. (2004). *À Guisa de Introdução ao Narcisismo. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. In: *Obras psicológicas de Sigmund Freud*. Vol. 1. (L. A. Hanns, trad.). Rio de Janeiro: Imago Ed. (Trabalho original publicado em 1914).
- Laplanche, J; Pontalis, J-Be. (2004) *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Wittgenstein, L. (1976) *Conversas sobre Freud*. In: Wollheim, Richard. (org.). *Freud: Uma Coletânea de Ensaio Críticos*. T. 1. Rio de Janeiro: Artenova.

**EIXO TEMÁTICO: HISTÓRIA E EPISTEMOLOGIA DA PSICOLOGIA**